

TRABALHISMO

9/3/57

ENCONTRO um amigo que fazia a seção política de uma revista. Digo-lhe que não tenho visto sua seção, que sempre me pareceu muito bem informada e muito bem redigida. Ele me conta que o novo diretor resolveu acabar com a seção; quer agora reportagens; mas como ainda não acertou direito que reportagem fazer está sem trabalhar — e sem receber nada.

Na prática isso quer dizer: o meu colega foi despedido da revista em que trabalhava há coisa de quatro anos, e despedido sem nenhum aviso ou indenização. E isso porque «não estava na fôlha». Ora, quem decide se o jornalista «entra na fôlha», ou não, é o diretor. Isso mostra que os direitos do trabalhador no Brasil, mesmo em relação a um setor que deveria ser dos mais esclarecidos — não funcionam.

Outro dia descobri uma coisa cômica a meu respeito: não sou membro do Sindicato dos Jornalistas. Isso é, pelo menos, o que me informa a secretaria do Sindicato. Eu estava crente de que era sindicalizado, e inclusive já me vali dos serviços do Sindicato em várias oportunidades. Pois não era — e não posso ser... O motivo é simples: atualmente eu não «estou na fôlha» de nenhum jornal ou revista do Rio. Naturalmente vou providenciar para «entrar na fôlha», mas isso não tira o feitiço absurdo do caso: um jornalista que é profissional há 25 anos e tem carteira do Ministério do Trabalho há 18 anos, e que está vivendo exclusivamente do que escreve — não pode entrar para o Sindicato dos Jornalistas.

Não estou me queixando; eu acabo dando um jeito, à boa maneira brasileira — e, em último caso, se não conseguir entrar para o Sindicato, não morrerei por causa disso, nem o Sindicato fechará as portas de tristeza. Mas estou pensando na sorte de outros trabalhadores, os mais humildes, sem relações, sem defesa, protegidos apenas por essas leis complicadas e muitas vezes inócuas. Mesmo quando eles são sindicalizados a defesa de seus direitos é precária, pois a maior parte das organizações sindicais são pequenas camorras feitas à sombra do Ministério do Trabalho, fruto desse trabalhismo de cima para baixo que uma ditadura fascista deixou de herança ao Brasil. É da insegurança, da ignorância, da fraqueza das grandes massas trabalhadoras que esse trabalhismo vive. E à custa também de seu suor, pois é com ele que se junta não apenas o dinheiro para custear toda essa burocracia podre como ainda o fundo sindical, mina de todos favoritismos, cavações e escândalos. Daí o caráter frequentemente imoral do trabalhismo no Brasil, o número impressionante de vigaristas e pilantras de toda a ordem que pululam em seus quadros, onde apenas aqui e ali desponta a silhueta difícil de uma virgem de Mangue...